

Mudança fonética versus mudança fonêmica

Texto traduzido e adaptado de “Chapter Four. Phonetic Vs Phonemic Change” em Terry CROWLEY, *An Introduction to Historical Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1992 (3ª edição de 1997, reimpressão de 2002: 72-86).

Quando um linguista descreve o sistema sonoro sincrônico de uma língua, ele ou ela deve estar atento ao fato de que existe uma diferença entre uma descrição fonética de uma língua e uma descrição fonêmica da mesma língua. A descrição fonética simplesmente descreve os fatos físicos da articulação dos sons da língua. A descrição fonêmica, entretanto, não descreve os fatos físicos, mas foca na maneira em que esses sons se relacionam do ponto de vista dos falantes da língua sob consideração. É possível que duas línguas exibam os mesmos sons físicos, enquanto os sistemas fonêmicos dessas mesmas línguas sejam completamente diferentes. A descrição fonêmica, portanto, nos informa quais unidades sonoras são fundamentais numa determinada língua para permitirem que seus falantes discriminem significados (ou seja, diferenciar morfemas).

Da mesma maneira em que é possível descrever uma língua do ponto de vista sincrônico, tanto em termos fonéticos, quanto em termos fonêmicos, é possível distinguir entre uma investigação fonética diacrônica e um estudo fonêmico diacrônico de uma língua. Consequentemente, é possível que mudanças sonoras ocorram, sem que elas modifiquem a estrutura fonêmica da língua em que ocorrem, apesar de muitas mudanças sonoras, de fato, afetarem a estrutura fonêmica da língua em que acontecem. No entanto, também é possível que uma mudança fonêmica se produza numa língua sem que isso implique uma mudança fonética.

4.1. Mudança fonética sem mudança fonêmica

Muitas mudanças fonéticas ocorrem nas línguas sem alterar em nada o inventário fonêmico ou as relações entre os fonemas. Tais mudanças são, portanto, meramente *alofônicas* ou *sub-fonêmicas*. O que acontece nesses casos é que um fonema desenvolve um novo alofone (ele muda sua forma fonética sutilmente ou às vezes, de forma menos sutil), ou a distribuição dos alofones existentes é modificada.

Exemplifiquemos com uma mudança sub-fonêmica tirada da história da língua inglesa que envolve o fonema /r/. Nessa língua, esse fonema rótico é escrito *r* desde sempre, que sugere que os anglófonos nunca perceberam nenhuma mudança nesse som. Contudo, sabe-se

que, antigamente, o fonema /r/ era prolatado foneticamente como um vibrante simples ou múltiplo ([r] ou [r̥]), como ainda é o caso no inglês escocês, em lugar das variantes de continuante sem fricção e de aproximante ([ɹ]) que a maioria dos falantes de inglês articula atualmente. Entretanto, embora esse som mudasse foneticamente no decorrer do tempo, tal mudança não provocou nenhuma reanálise no sistema fonológico do inglês. As mesmas palavras cujo significado era distinguido de outras palavras pelo contraste entre o vibrante simples/múltiplo e outros sons são distinguidas hoje pelo contraste de [ɹ] com esses outros segmentos. Podemos representar essa mudança alofônica/sub-fonêmica como:

/r/: [r] ~ [r̥] > /r/: [ɹ]

(Traduzindo: o fonema /r/ era realizado como um vibrante e atualmente o mesmo fonema é articulado como um aproximante rótico [+contínuo, -fricção])

Outro exemplo de mudança fonética sem mudança fonêmica tirada da história do inglês envolve o fonema vocálico alto anterior breve. Na maioria dos dialetos ingleses, esse fonema é articulado como [ɪ]. No inglês da Nova Zelândia, no entanto, essa vogal foi centralizada em direção a [ɨ]. De novo, a mudança de [ɪ] para [ɨ] não causou nenhum novo contraste de significado a desenvolver-se. As mesmas palavras (significados) se distinguem no inglês novo-zelandês do que nas demais variedades de inglês à base dos mesmos contrastes fonêmicos (/ɪ/ versus /X Y Z/ vale tanto para um falante do inglês “kiwi” quanto para um falante de inglês britânico, canadense, indiano, etc.), só que, à base dessa distinção está uma realização fonética um pouco diferente (os /ɪ/ novo-zelandeses são articulados de uma maneira mais central do que os /ɪ/ do demais anglófonos). Novamente, podemos expressar essa mudança puramente alofônica da seguinte maneira:

/ɪ/: [ɪ] > /ɪ/: [ɨ]

(O fonema /ɪ/ era realizado como [ɪ] no inglês novo-zelandês, mas atualmente esse fonema corresponde a um fone vocálico alto breve e centralizado.)

O último exemplo de mudança sub-fonêmica a ser proferido é da língua motu, uma língua da família austronésia falada em Papua Nova Guiné. Os dois exemplos anteriores do inglês envolvem uma mudança na forma fonética do fonema onde quer que ocorra, ou seja, são exemplos de **mudança alofônica não condicionada**. No caso de uma **mudança sub-fonêmica condicionada**, um novo alofone é criado num determinado ambiente fonético, embora o fone permaneça inalterado em outros ambientes. Nenhum novo fonema é gerado, apenas um novo alofone do fonema que já existe.

Você talvez lembre do capítulo 2 que, na língua motu, [t] mudou para [s] diante de vogais anteriores, mas a oclusiva alveolar permaneceu inalterado nos demais contextos (abreviado convencionalmente a *n. d. c.*). Essa mudança é a única fonte de [s] na língua motu, já que nenhuma outra mudança produziu [s] e não havia nenhum [s] na protolíngua. Isso significa que a mudança de [t] para [s] não teve nenhum impacto na estrutura fonêmica da língua. Todas as ocorrências do som [s] em motu hoje estão em distribuição complementar com [t]. O som [s] ocorre apenas diante de vogais anteriores, enquanto [t] nunca ocorre diante de vogais anteriores. O [s] que se desenvolveu foi simplesmente um novo alofone do fonema /t/¹. Por conseguinte, essa mudança pode ser expressa da forma:

$$/t/: [t] > /t/: \begin{cases} [s] / _ V [+ant.] \\ [t] / n. d. c. \end{cases}$$

(O fonema /t/ era articulado como [t], mas [t] foi convertido em [s] quando precedia vogais anteriores (lenização por espirantização; assimilação regressiva/antecipatória). Atualmente /t/ exibe dois alofones condicionados pelo contexto fonético: [s] diante de vogais anteriores e [t] nos demais contextos fonéticos.)

4.2. Mudança fonética com mudança fonêmica

Na seção 4.1, demonstramos que uma mudança fonética não precisa conduzir necessariamente a uma mudança no sistema fonêmico de uma língua. Muitas vezes, entretanto, a mudança fonética provoca, de fato, algum tipo de mudança fonêmica. Falando em termos gerais, pode-se afirmar que a mudança fonética é um “utensílio” ou uma “ferramenta” da mudança fonêmica no sentido de que a maioria das ocorrências de mudança fonêmica resulta de alguma modificação fonética no segmento afetado. A mudança fonêmica é categorizada em três conjuntos diferentes: *perda fonêmica*, *acréscimo/adição fonêmico* e *refonemização*, os quais discutiremos a continuação.

4.2.a. Perda fonêmica

O significado do termo *perda fonêmica* está evidente. A perda fonêmica ocorre quando um fonema desaparece por completo entre duas fases diacrônicas de uma língua. Todos os casos de perda não condicionada de sons no nível fonético implicam necessariamente uma perda fonêmica total. Um exemplos de tal perda é o sumiço do nasal velar do inventário fonêmico do motu, que apresentamos no capítulo 3.

¹ Observe que, embora o sistema ortográfica de motu use as letras *s* e *t*, isso é apenas porque os missionários europeus que inventaram a ortografia desconheciam o conceito do fonema e pressupuseram que seria necessário distinguir entre [t] e [s] em motu porque era necessário distingui-los em inglês.

Com frequência, a perda fonêmica envolve uma mudança sonora condicionada, que ocorre em alguns contextos, mas não em outros. Apesar da perda do nasal velar em motu ser uma mudança não condicionada, é bastante comum depreender que apenas algumas ocorrências de um fonema são eliminadas, enquanto outras permanecem. Podemos denominar essa situação uma *perda parcial*, que contrasta com a *perda total* de um fonema. Para exemplificar o fenômeno de perda parcial, referimo-nos à discussão da apócope de consoantes em fijiano apresentado no capítulo 2. Expressamos essa mudança como:

$$C > \emptyset / _ \#$$

No exemplo da língua angkamuthi que segue o exemplo fijiano em capítulo 2, pode constatar que houve outro caso de perda parcial de consoantes. Esta vez, trata-se de aférese conforme a regra seguinte:

$$C > \emptyset / \# _$$

Em ambos os exemplos acima, o fonema em questão foi eliminado em apenas um contexto específico: no início absoluto em angkamuthi e no final absoluto em fijiano (na verdade, o segmento fonêmico afetado é qualquer fonema que pertence à classe das consoantes nessas posições). Com a exceção desses dois contextos, entretanto, os fonemas consonantais das duas línguas permanecem inalterados. Deste modo, trata-se de uma perda fonêmica parcial, por envolver uma mudança contextualmente condicionada.

4.2.b. Adição fonêmica

O significado desse termo também é evidente. A adição fonêmica ocorre quando um fonema é inserido numa palavra, numa posição em que o fonema em questão não constasse antes. Por exemplo, novamente em motu, um /l/ protético foi acrescentado diante da vogal /a/, o que criou um novo conjunto de palavras distinguidas por esse som, como vimos no capítulo 2.

Atente-se, porém, ao fato de que não é necessário que um simples acréscimo fonético conduza à adição de um fonema. É possível que um som seja acrescentado sem afetar a forma fonêmica da palavra. Em mpakwithi, uma língua do norte de Queensland na Austrália, por exemplo, palavras que começavam com fricativas e com o tepe rótico receberam um schwa protético facultativo, p. ex.,

/βaɖi/	: [βaɖi] ~ [əβaɖi]	“intestino”
/ðaj/	: [ðaj] ~ [əðaj]	“mãe”
/ra/	: [ra] ~ [əra]	“estômago”

Não existe nenhum *fonema* schwa independente nessa língua. O som [ə] surge apenas em vocábulos que exibam fones de um tipo específico numa certa posição, como os nos exemplos acima, e, por conseguinte, a ocorrência do schwa é totalmente previsível. Por ser totalmente regular (completamente condicionado), o fone não recebe o status de fonema. De certa maneira, pode-se considera-lo um alofone de Ø (o vazio, o nada) que ocorre somente em início de palavra e cuja distribuição é descrita pela seguinte regra:

$$/\emptyset/ : [\emptyset] \sim [ə] / \# _ \begin{cases} C \text{ fricativa} \\ r \end{cases}$$

(O nada varia facultativamente com o schwa em início absoluto quando esse nada é seguido por um tepe ou uma fricativa.)

Quando a mudança fonética expressada pela regra apresentada abaixo ocorreu, ou seja, acrescentou-se um schwa diante de fricativas e o tepe em início de palavra, a verdadeira forma fonêmica das palavras afetadas não mudou, porque o surgimento condicionado do schwa foi apenas uma variação alofônica ([ə] num contexto e [Ø] / n. d. c.). Não era possível distinguir significados (palavras ou morfemas) à base de um contraste entre a presença ou ausência do schwa, nem à base de um contraste entre o schwa e algum outro fone que fosse, de fato, articulado.

$$\emptyset > [ə] / \# _ \begin{cases} C \text{ fricativa} \\ r \end{cases}$$

Por conseguinte, a mudança que acabamos de descrever constitui um exemplo de adição fonética *sem* adição fonêmica.

4.2.c. Refonemização

O tipo de mudança fonêmica que é mais comum resultar de uma mudança fonética é a **refonemização**. Esse processo envolve a criação de um novo sistema de oposições numa língua e isso é realizado pela simples troca de alguns dos fonemas preexistentes ou pela transformação de alguns fonemas preexistentes em fonemas totalmente novos. Se a adição fonêmica envolve acrescentar um novo fonema a uma palavra num lugar em que não houvesse nenhum fonema originalmente, e a perda fonêmica envolve a eliminação de um fonema da palavra em que estava originalmente, a refonemização envolve o rearranjo dos fonemas já presentes na palavra, que desencadeia uma reestruturação das relações entre os fonemas da língua. Existem três tipos de refonemização diferentes: **substituição/troca**, **fusão** e **fissão**. Abordaremos cada tipo a continuação.

O primeiro tipo de refonemização que apresentaremos é denominado **substituição** ou **troca**. Quando uma troca fonêmica ocorre, duas palavras que eram distinguidas na protolíngua mediante um determinado par de sons ainda contam como palavras distintas na língua filha, mas sua discriminação é marcada por outro par de sons contrastantes. Em outras palavras, um par mínimo na protolíngua persevera na língua filha, mas a diferença entre os dois integrantes não é marcada pelos sons originais. Por exemplo, na língua banoni de Papua Nova Guiné, mostramos na seção 7 do capítulo 2 que as oclusivas surdas intervocálicas se tornaram fricativas sonoras (entre outras mudanças). É perfeitamente possível imaginarmos um par mínimo na protolíngua em que os significados são distinguidos pela presença ou ausência de uma oclusiva surda entre vogais. Na língua moderna, porém, a mesma diferença de significado é representada pela presença ou ausência de uma fricativa sonora na mesma posição intervocálica.

O leitor atento deveria ter percebido que essa descrição do fenômeno de troca fonêmica não parece muito diferente do que foi dito acima sobre a mudança puramente fonética. Quando a mudança alofônica ocorre, produz-se uma alteração nos sons concretos que servem para distinguir significados. A diferença relevante entre as duas situações reside no fato de que, em casos de troca *fonêmica* o som original e o novo som que o substitui devem pertencer a fonemas distintos: substituir um pelo outro implicaria alterar o significado. No banoni moderno, existem pares mínimos que comprovam que as oclusivas surdas e as fricativas sonoras são diferentes no nível fonêmico, como, por exemplo, [kasi:] “meu irmão” e [yasi] “aberto”. Substituir [k] para [ɣ] afeta o significado; logo, esses segmentos constituem fonemas. Esse contraste mostra que, quando as oclusivas surdas foram transformadas em fricativas sonoras, aconteceu um verdadeiro rearranjo dos fonemas da língua e não apenas uma mudança dos alofones dentro de um fonema.

O segundo tipo de refonemização a ser descrito é a **fusão fonêmica**. Esse é um processo pelo qual dois fonemas separados terminam num único fonema. Palavras que eram distinguidas por alguma diferença sonora deixam de se diferenciar e o que era antigamente pares mínimos passam a ser **homofones** ou **homônimos**, ou seja, palavras com a mesma forma fônica, porém, com significados diferentes. Por exemplo, a palavra motu /lada/ é um homofone porque significa “guelras de peixe” e “nome”. Na protolíngua da qual motu deriva, havia duas palavras diferentes originalmente, cada uma distinguida por um fonema distinto: *aʃan “nome” e *asaŋ “guelras”. Uma fusão fonêmica aconteceu entre /ʃ/ e /s/: ambos se tornaram /d/ (além de apócope consonantal e prótese de /l/), que produziu os homônimos modernos.

Existem diversos casos de fusão fonêmica que ocorreram no desenvolvimento do pidgin tok pisin a partir do inglês. Por exemplo, em algumas situações, as vogais inglesas [ɒ], [ɑ:] e [æ] fusionaram em tok pisin como [a]. Muitos falantes de tok pisin não distinguem o conjunto tríplice de pares mínimos que existe em inglês como nas seguintes palavras: /hɒt/ “quente”: /hɑ:t/ “coração” : /hæt/ “chapéu”. O resultado dessa fusão em tok pisin é o homofone /hat/, que significa “quente”, “coração” e “chapéu”.

A fusão fonêmica é representada como:

$$\left. \begin{array}{l} X \\ Y \end{array} \right\} > Z$$

(embora a fusão possa envolver mais de dois sons).

Quando fonemas se fusionam dessa maneira, existem duas formas possíveis que o fonema representado acima por Z pode assumir. Primeiro, o Z pode ser idêntico a um dos fonemas originais. Segundo, Z pode ser diferente de ambos os fonemas originais, ou seja, um fonema totalmente novo.

$$(1) \quad \left. \begin{array}{l} X \\ Y \end{array} \right\} > X \quad (2) \quad \left. \begin{array}{l} X \\ Y \end{array} \right\} > Z$$

Um exemplo de fusão fonêmica em que o fonema resultante foi foneticamente idêntico a um dos fonemas originais ocorreu no uradhi, uma língua australiana do norte de Queensland:

<u>Protouradhi</u>	>	<u>uradhi</u>	
*pata	>	waṭa	“morder”
*pinta	>	winta	“braço”
*pupu	>	wupu	“nádegas”
*wapun	>	wapun	“cabeça”
*wujpu	>	wujpu	“ancião”

Os fonemas originais /p/ e /w/ fusionaram em /w/, mas apenas em início de palavra:

$$\left. \begin{array}{l} p \\ w \end{array} \right\} > w / \# _$$

Um exemplo da segunda possibilidade é exemplificado pela seguinte mudança em fijiano:

<u>protofijiano</u>	>	<u>fijiano</u>	
*tuba	>	tuva	“timbó”, “veneno para peixe”
*batu	>	vatu	“pedra”
*ubi	>	uvi	“batata doce”
*pitu	>	vitu	“sete”
*pəɲu	>	vonu	“tartaruga”

A distinção fonêmica original entre /p/ e /b/ é eliminado e o descendente dos fonemas fusionados é diferente de qualquer um dos fonemas originais, ou seja, /v/:

$$\left. \begin{array}{l} b \\ p \end{array} \right\} > v$$

Na passagem acima tenho tratado da *fusão* , mas ainda não mencionei que existe uma distinção importante a ser feita entre a *fusão parcial* e a *fusão total* de fonemas. Definir uma fusão fonêmica como *total* significa que a mudança sonora que resulta da fusão foi não condicionada, ou seja, a mudança em questão afeta o som em todos os ambientes em que ele se apresente. Defini-la como uma fusão *parcial* , por outro lado, quer dizer que a mudança sonora é condicionada, ou seja, os fonemas afetados se fusionam apenas em determinados contextos e são mantidos distintos em outros ambientes. O exemplo tirado do uradhi apresentado acima é, na realidade, um caso de fusão parcial e não constitui uma fusão total de /p/ e /w/, justamente porque é preciso especificar o ambiente em que essa fusão ocorreu (início absoluto). No meio das palavras, a distinção fonêmica original entre /p/ e /w/ foi mantido.

A próxima categoria de refonemização a ser discutida é a *fissão fonêmica* . Esse tipo de mudança opera com precisamente o efeito inverso da fusão fonêmica, na medida que palavras que originalmente continham o mesmo fonema acabam exibindo fonemas diferentes. A fissão fonêmica surge quando um único som muda em maneiras diferentes em ambientes fonológicos diferentes. Podemos representar esse tipo de mudança pela seguinte formulação:

$$X > \left\{ \begin{array}{l} Y / A \\ Z / B \end{array} \right.$$

No entanto, se ocorrer uma mudança sonora condicionada, e a *única* fonte para o novo som é essa mudança, então, não podemos designá-la uma fissão fonêmica. O que nos defronta em tal caso é um exemplo de mudança sub-fonêmica, porque se produziu apenas um novo alofone de um fonema já existente num ambiente específico. Isso é exatamente o que depreendemos em motu, na mudança em que o [t] original virou [s] em alguns contextos e permaneceu [t] em outros. Não podemos considerar esse exemplo um caso de fissão fonêmica porque nenhum *fonema* novo está envolvida, gerou-se somente um novo *alofone* .

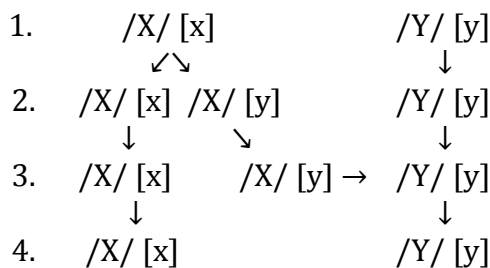
Agora, se duas ou mais mudanças sonoras operam simultaneamente para produzir o mesmo som, nessas circunstância é legítimo denominar o processo uma fissão fonêmica. Na língua angkamuthi do Cabo York em Queensland, Austrália, a seguinte mudança foi registrada:

$$/l/ > \left\{ \begin{array}{l} j / \# _ a, i \\ l / \# _ u \end{array} \right.$$

Se nenhuma outra mudança acontecesse em início absoluto (e se não existisse já um fonema /j/ na língua), estaríamos justificado em sustentar que a mudança descrita

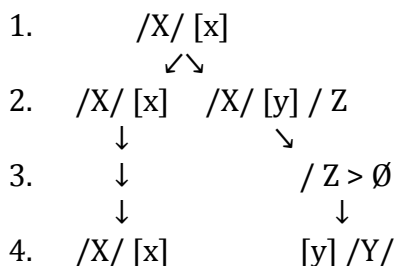
simplesmente produziu um novo alofone do fonema /l/, ou seja [j], no início das palavras diante de /a/ e /i/. Repito: isso seria o caso se *não* houvesse um fonema /j/ original na língua. Assim, se a mudança de /l/ > /j/ ocorresse, poderíamos opinar que uma fissão fonêmica genuína tinha surgido e a língua angkauthi tinha ganho um novo fonema.

A dificuldade é que tudo o que acabei descrevendo no parágrafo anterior foi hipotético. O angkamuthi já tinha um fonema /j/. Com essa mudança, /l/ ganhou um novo alofone ([j]), mas esse novo alofone foi idêntico foneticamente a um outro fonema da língua, a saber, /j/. Por terem uma articulação idêntica, naturalmente, os falantes de angkamuthi acabaram tratando o [j] que tinha surgido de /l/ como se fosse mais um exemplar de /j/. Afinal, como qualquer falante sincrônico comum, eles não tinham acesso aos processos evolutivos diacrônicos da sua língua. Seu raciocínio fonêmico procedeu conforme a seguinte lógica: “se esse som soa como /j/: [j], então, ele é um /j/”, e trataram-no de acordo com esse princípio. O resultado dessa **fissão parcial** de /l/ e /j/ foi que os dois fonemas não estavam mais em distribuição complementar, alguns casos de /l/ original tinha passado a ser /j/ e, conseqüentemente, uma fissão fonêmica resultou em que alguns /l/ foram “engolidos” pelo fonema /j/. Denominamos esse tipo de fissão seguida de fusão **fissão fonêmica primária**. Esquemáticamente, podemos representar os processos e etapas envolvidas na fissão fonêmica primária da seguinte maneira:



(Depois da fase 4, as únicas evidências de que a fissão primária ocorreu é a ocorrência e distribuição reduzidas de /X/, quando comparadas às das fase 1 e 2, e a maior frequência e distribuição expandida de /Y/.)

O simples separação de um fonema original em dois que tratamos primeiro é a **fissão fonêmica secundária**, em que um fonema totalmente novo surge:



4.3. Mudança fonêmica sem mudança fonética

Nesta seção, examinaremos uma série de situações em que o status fonêmico de um som muda, sem que o som que se modifica de forma fonêmica apresente nenhuma alteração fonética, embora seja possível que mudanças fonéticas sejam realizadas em outras partes da palavra.

4.3.a. Perda do ambiente condicionador

Originalmente, a língua inglesa não exibia nenhum fonema nasal velar /ŋ/, embora esse som de fato existisse como um alofone [ŋ] do fonema /n/ quando o fonema nasal alveolar estava antes de sons velares. A antiga situação pode ser representada de forma esquemática da seguinte maneira:

$$/n/: \begin{cases} [ŋ] / _ C [+velar] \\ [n] / \text{n. d. c.} \end{cases}$$

Atualmente, uma palavra como *singer*, que se escreve de forma fonêmica /sɪŋə/, era originalmente *fonemicamente* /sɪŋgə/ (ignoramos a presença do tepe rótico nesta mudança por não ser relevante à questão que investigamos), mas, *foneticamente*, o segmento nasal apresentava a mesma prolação que atualmente. Essa palavra era pronunciada, portanto, [sɪŋgə], com [ŋ], no mesmo lugar onde ocorre hoje. Consequentemente, essa mudança é um exemplo de uma mudança *fonêmica*, ou seja, /n/ muda para /ŋ/, em que não há nenhuma mudança fonética. Como isso foi possível?

A mudança no status fonêmico do [ŋ] para /ŋ/ foi o resultado de *outra* mudança que provocou a queda do som que condicionava a seleção entre os alofones alveolar e velar de /n/, ou seja, /g/. Estude as palavras antigas abaixo e as mudanças que elas sofreram. Apresentamos os vocábulos primeiro em transcrição fonêmica; a segunda representação entre colchetes expressa a verdadeira prolação fonética.

<u>Inglês pré-moderno</u>		<u>Inglês moderno</u>	
*/sɪn/: [sɪn]	>	/sɪn/: [sɪn]	“pecado”
*/sɪŋg/: [sɪŋg]	>	/sɪŋ/: [sɪŋ]	“cantar”
*/læmb/: [læmb]	>	/læm/: [læm]	“cordeiro”

Em final de palavra ou morfema, quando seguiam nasais, as oclusivas sonoras /b/ e /g/, mas não /d/, foram eliminadas pela operação de uma regra de mudança na seguinte forma:

$$\left. \begin{matrix} b \\ g \end{matrix} \right\} > \emptyset / [+nasal] _ +$$

(ou, na linguagem da fonologia gerativa: [-cont. -fric. +voz.] > ∅ / [+nas. -cor.] _ +)

Essa regra explica a presença da letra *b* “muda” em palavras como *climb* [klaɪm], *lamb* [læm], etc. Agora, ao examinar a tabela de palavras acima, você deve perceber que era a presença de um fonema velar que, antigamente, condicionava o surgimento do alofone velar do fonema /n/ em lugar do seu alofone alveolar. Assim, o que era /sing/ em termos fonêmicos, era [sɪŋ] no nível fonético, como ainda é em alguns dialetos de inglês do norte da Inglaterra. Porém, uma vez que o /g/ final sofreu apócope, o [ŋ] entrou numa distribuição contrastante com [n], enquanto antes dos dois estavam em distribuição complementar. A prova desse contraste é o par mínimo /sɪŋ/ e /sɪn/ em inglês moderno. Deste modo, fica evidente que, embora o nasal velar não tenha mudado foneticamente em inglês, o status fonêmico mudou porque o ambiente condicionador original foi eliminado.

Outro exemplo conhecido desse tipo de refonemização provocado pela perda do contexto condicionador é a evolução da metafonia nas línguas germânicas (*Umlaut*). Na família germânica, a metafonia se manifesta como uma mudança na qualidade da vogal numa raiz lexical em certas categorias morfológicas de modo que a vogal derivada é mais anterior ou mais alta. Tal como foi apresentado em capítulo 2, o plural irregular em *foot/feet* ([fʊt]/[fi:t]) e em outras palavras como *tooth/teeth* ([tʰuθ]/[tʰi:θ]), *goose/geese* ([guws]/[gi:js]), *mouse/mice* ([maʊs]/[maɪs]), deriva de um sufixo plural antigo /-i/, que era acrescentado ao radical do singular [fo:t], [to:θ], [go:s], [mu:s], etc. A seguir, uma mudança puramente alofônica ocorria, em que todas as vogais posteriores arredondadas foram convertidos em vogais anteriores arredondadas quando a sílaba subsequente continha uma vogal alta e anterior. Desse modo, não houve nenhuma mudança fonêmica na forma do plural, mas houve uma mudança fonética (assimilação regressiva/antecipatória), sob a influência da vogal alta e anterior no sufixo do plural. Esquemáticamente, p. ex.,

/fo:t/+i/: [fo:ti]	>	/fo:t/+i/: [fø:ti]	“pés”
/to:θ/+i/: [to:θi]	>	/to:θ/+i/: [tø:θi]	“dentes”

A próxima mudança envolveu uma mudança no status fonêmico das vogais anteriores arredondadas. Apesar de que essas vogais anteriores arredondadas não mudassem nada foneticamente, ocorreu um apócope generalizado nesta fase diacrônica do germânico que elidiu o sufixo /-i/ que tinha indicado o plural. Deste modo, temos:

/fo:t/+i/: [fø:ti]	>	/fø:t/: [fø:t]	“pés”
/to:θ/+i/: [tø:θi]	>	/tø:θ/: [tø:θ]	“dentes”

Essa perda do ambiente condicionador provocou o surgimento de pares mínimos à base de vogais anteriores e posteriores arredondadas, com a variante posterior no singular e a variante

anterior no plural. É a partir dessas duas formas que os plurais irregulares se derivam diretamente por um processo de desarredondamento seguido por outro processo de alçamento durante a Grande Mutação Voc lica Inglesa.

Na se o anterior, mencionei que, embora o motu sofresse uma mudança em que [t] desenvolveu um novo alofone na forma de [s] diante de vogais anteriores, isso não introduziu nenhum novo contraste fonêmico   língua. Atualmente, existe uma tendência entre os falantes mais jovens de motu que envolve a ap copes de vogais finais. Desse modo, ouvem-se pronúncias alternantes como as seguintes:

/tinagu/ : [sinagu] ~ [sinag] “mãe”
/oiemu/ : [oiemu] ~ [oiem] “seu/sua” (2^a. pessoa)
/namo/ : [namo] ~ [nam] “bom”
/mate/ : [mase] ~ [mas] “morrer”

Imaginemos que, daqui a duas gera es, essa mudança terá se tornado geral e que todas as vogais finais depois de consoantes ter o sido apocopadas pela opera o de uma regra que podemos formalizar como:

$V > \emptyset / C _ \#$

Verifiquemos o que aconteceria com os pares mínimos /lati/ “não” e /lata/ “comprido”. Atualmente, essas duas palavras são pronunciadas como:

/lati/ : [lasi] ~ [las] “não”
/lata/ : [lata] ~ [lat] “comprido”

Se a regra atual de ap copes vocálico facultativo chegar a generalizar-se, esse par mínimo, que se distingue fonemicamente agora pela qualidade da vogal final, /a/ : /i/, será distinguido apenas pelos segmentos que eram, alguma vez, as consoantes intervoc licas, ou seja:

/las/ : [las] “não” /lat/ : [lat] “comprido”

Dessa maneira, o que originalmente era apenas uma diferença fonética entre [t] e [s], terá se consagrado como um contraste fonêmico entre /t/ e /s/.

4.3.b. Palavras tomadas emprestado de línguas estrangeiras

Quando palavras nativas de uma língua são copiadas pelos falantes de outra língua,   comum que esses empréstimos lexicais passem por um processo de reinterpreta o fonética para que os vocábulos se conformem ao padrão da língua que os adotou. Por exemplo, palavras inglesas que são copiadas para o motu geralmente são adaptadas para conformar-se   estrutura silábica CV de motu pela elimina o de consoantes e pelo acréscimo de vogais (anaptixe/suarab cti) a

fim de evitar os encontros de consoantes e as consoantes em final de sílaba que são frequentes em inglês. Por exemplo:

<u>Inglês</u>	<u>Motu</u>	
[ˈgʌvəmənt]	[gavamani]	“governo”
[bɒtl]	[botolo]	“garrafa”

Uma vez que a influência de uma língua estrangeira ganhe o suficiente prestígio e influência e um grupo de falantes razoavelmente fluentes, com frequência, sente-se menos pressão para adaptar as palavras importadas a se conformarem às estruturas fonológicas da língua receptora e é comum que os empréstimos lexicais sejam pronunciados de uma maneira mais próxima à prolação da língua original. Se acumular-se quantidades suficientes de palavras copiadas e os falantes não as sentirem mais como palavras estrangeiras, é possível que o novo padrão fonológico na língua influencie a interpretação fonêmica dos sons nativos.

Começamos olhando para o impacto geral de palavras inglesas no sistema fonêmico do motu. Muitas palavras inglesas foram adotadas pelos falantes de motu para expressar uma ampla gama de diversos conceitos culturais e tecnologias novos. Nos primórdios desse processo, os empréstimos lexicais eram adequados totalmente ao sistema fonológico motu. Por não existir nenhum contraste entre [t] e [s] em motu, em palavras inglesas que contivessem esses sons, os segmentos era tratados simplesmente como se fossem alofones do mesmo fonema e a distribuição desses alofones seguia as mesmas regras da língua que foram mencionadas anteriormente. Consequentemente, falantes de motu mais velhos pronunciam as seguintes palavras inglesas na maneira indicada abaixo:

/teti/ : [sesi]	<i>shirt</i> [ʃɪt] “camisa”
/maketi/ : [makesi]	<i>market</i> [mɑkɪt] “mercado”
/tini/ : [sini]	<i>tin</i> [tʰɪn] “lata”
/tupu/ : [tupu]	<i>soup</i> [suwp] “sopa”
/topu/ : [topu]	<i>soap</i> [spəʊp] “sabão”

As palavras /teti/ “camisa” e /maketi/ “mercado” são articuladas às vezes com a prolação alternativa de [sedi] e [makedi]. Existe um fonema separado /d/ em motu, de modo que, quando essas palavras são pronunciadas dessa maneira, elas ainda são integradas plenamente ao sistema fonológico da língua motu. O motivo pelo qual os falantes mais velhos tendem a substituir /d/ por /t/ nessas palavras é que eles estão cientes do fato que esse tipo de palavra é um problema para sua fonologia, e eles estão tentando por duas maneiras diferentes tanto de preservar o que eles conhecem da pronúncia nativa do inglês, quanto de manter a integridade do sistema fonológico da sua língua materna.

Entre as gerações mais novas, cujo domínio do inglês costuma ser melhor, é mais provável ouvir prolações como as seguintes para o mesmo conjunto de palavras:

[seti]	<i>shirt</i> “camisa”
[maketi]	<i>market</i> “mercado”
[tini]	<i>tin</i> “lata”
[supu]	<i>soup</i> “sopa”
[sopu]	<i>soap</i> “sabão”

Nessas formas, há um [t] fonético seguido por vogais anteriores e há [s] fonético seguido por vogais não anteriores. Essa situação é uma infração claríssima das regras alofônicas do moto, tal como as descrevemos acima. Fica evidente, portanto, que os falantes mais novos introduziram um contraste entre os sons [t] e [s]. Por conseguinte, embora as qualidades articulatórias de [t] e [s] em nada se ajustaram em palavras motu nativas, o estatuto fonológico desses sons está em via de mudança de uma distribuição complementar dentro de um único fonema, como consequência da estrutura de palavras copiadas do inglês.

4.3.c. Mudança por pressão estrutural

Uma última explicação possível para a mudança no estatuto fonêmico de um som de alofone para fonema totalmente independente envolve uma mudança na estrutura do inventário fonêmico como um todo.

Sequências fonéticas de mais de um som podem ser tratados, às vezes, como se os segmentos distintos constituíssem um único fonema, dependendo da estrutura silábica da língua. Por exemplo, em fijiano, sequências fonéticas de [mb] são tratados como /b/ do ponto de vista da fonologia. Os motivos para esse comportamento são:

- (a) O fone [b] ocorre apenas neste ambiente e em nenhum outro contexto na língua;
- (b) Os únicos grupos de consoantes no fijiano são do tipo [mb], de modo que nos veríamos obrigado a complicar a descrição da estrutura silábica da língua, se permitíssemos encontros consonantais fonêmicos.

O fonema /b/ em fijiano deriva de antigos encontros consonantais fonêmicos do tipo /mb/ e /mp/, como as palavras seguintes exemplificam:

		<u>fijiano</u>	
*tumbu	>	tubu	“crescer”
*lambut	>	lobolobo	“mole”
*lāmpit	>	lobi	“dobrar”
*kampit	>	kabi	“abrochar”

Entretanto, não houve nunca uma mudança fonética nesses segmentos, embora ocorresse uma mudança fonêmica de /mb/ para /b/. Como foi, portanto, que essa mudança fonêmica se

produziu? A solução é que, na língua ancestral, existia uma distribuição diferente dos sons e foi essa distribuição que mudou no fijiano. Primeiro, no passado, havia um som [b] que ocorria de forma independente de [m], diferente do fijiano moderno. Esse [b] mudou para [v] entre vogais e em início absoluto na passagem para o fijiano moderno, deixando o [b] apenas naqueles contextos em que o som seguia [m]. Deste modo,

	<u>fijiano moderno</u>
*batu >	vatu “pedra”
*bulan >	vula “lua”

Segundo, havia grupos de consoantes no fijiano antigo além dos do tipo representado por [mb]. Havia, por exemplo, grupos com [mp] contrastantes, como exemplificamos nos exemplos acima. Na língua ancestral, portanto, era preciso distinguir /b/ de forma fonêmica de /mb/, diferente do fijiano moderno. Conseqüentemente, embora as sequências de [mb] não tenham mudado nada quanto à sua composição fonética entre o fijiano antigo e a língua moderna, o estatuto fonêmico foi modificado de /mb/ para /b/ porque mudanças que ocorreram em outras partes do sistema fonológico acabaram redirecionando as influências estruturais e essas pressões provocaram uma reanálise fonêmica.

Guia temático para reflexão

1. Explique o que ocorre numa mudança alofônica.
2. Caracterize a perda fonêmica.
3. Qual a diferença entre perda fonêmica parcial e perda fonêmica total?
4. O que é refonemização?
5. Que acontece num caso de troca fonêmica?
6. O que ocorre numa fusão fonêmica?
7. Qual a diferença entre fusão fonêmica parcial e fusão fonêmica total?
8. Explique o fenômeno de fissão fonêmica?
9. Descreva como um som pode mudar de modo fonêmico sem sofrer nenhuma mudança fonética.

Exercícios

1. Existem algumas diferenças fonêmicas entre o motu vernáculo e a variedade pidgin da língua chamado hiri motu que serve como a língua franca em muitas regiões no sul de Papua Nova Guiné. Representamos as diferenças com os seguintes exemplos:

<u>Motu</u>	<u>Hiri motu</u>	
1. gado	gado	“língua”
2. hui	hui	“cabelo”
3. kehoa	keoa	“aberto”
4. ʔau	gau	“coisa”
5. hahine	haine	“mulher”
6. haginia	haginia	“constrói-o”
7. boga	boga	“barriga”
8. mayani	magani	“canguruzinho” (<i>wallaby</i>)
9. tohu	tou	“cana de açúcar”
10. ʔatoi	gatoi	“ovo”
11. heau	heau	“correr”
12. sinagu	sinagu	“minha mãe”

Pressuponha que as versões do motu vernáculo representam as formas da protolíngua e que as variantes em hiri motu foram derivadas dessas palavras originais. Quais tipos de mudança fonêmica ocorreram, na sua opinião, em termos dos tópicos que foram apresentados neste capítulo?

2. Examine as seguintes palavras em tonganês e maori. Imagine que as vogais tonganesas refletem as da língua ancestral e que foi o maori que inovou. Hoje, tanto o tonganês como o maori exibem cinco fonemas para as vogais breves. Como você classificaria as mudanças ocorridas nas vogais em maori: mudança fonética, substituição fonêmica, fusão fonêmica ou fissão fonêmica?

<u>tonganês</u>	<u>maori</u>		<u>tonganês</u>	<u>maori</u>	
1. ʔutu	ʔʉtʉ	“boca”	10. mate	mate	“morto”
2. au	aʉ	“eu”	11. moana	moana	“mar”
3. hoa	hoa	“amigo”	12. mutu	mʉtʉ	“terminar”
4. fulufulu	hʉrʉhʉrʉ	“pluma”	13. nifo	niho	“dente”
5. ihu	ihʉ	“nariz”	14. lau	raʉ	“folha”
6. inu	inʉ	“beber”	15. nima	rima	“cinco”
7. hiŋoa	iŋoa	“nome”	16. tolu	torʉ	“três”
8. malaʔe	marae	“descampado”	17. tapu	tapʉ	“proibido”
9. mata	mata	“cara”			

3. Falantes de variedades regionais de tok pisin menos escolarizados mudam alguns dos sons presentes na variedade padrão do pidgin papua novo guineense. Imagine alguém que fale o seguinte dialeto extremamente divergente do padrão. A fonologia do tok pisin padrão não contém [f], enquanto a variedade regional não padrão que exemplificamos não contém [p]. Tampouco há [s], nem [l] na variedade regional. Descreva as mudanças

que ocorreram no sistema fonêmico da língua padrão em termos das classes de mudança que foram apresentadas no capítulo.

<u>tok pisin padrão</u>	<u>tok pisin não padrão</u>	
1. /ples/	/feret/	“povoado”
2. /poret/	/foret/	“com medo”, “amedrontado”
3. /mipla/	/mifara/	“nós”
4. /larim/	/rarim/	“deixar (algo/alguém)”
5. /kisim/	/kitim/	“tomar”, “agarrar”
6. /lotu/	/rotu/	“igreja”
7. /sarip/	/tarif/	“faca para cortar capim”
8. /popaia/	/fofaia/	“sentir saudade”, “sentir falta”
9. /sori/	/tori/	“preocupado”
10. /belo/	/bero/	“campana”
11. /sapos/	/tafot/	“se” (conjunção)
12. /kirap/	/kiraf/	“levantar-se”
13. /gutpla/	/gutfara/	“bom”

4. Examine as palavras da língua australiana, mbabaram, do norte de Queensland. Na língua original, só havia três fonemas vocálicos: /i/ , /u/ e /a/. Descreva como as mudanças que ocorreram afetaram o sistema fonêmico.

1. */wula/	> /lo/ “morrer”	8. */ŋaba/	> /bo/ “banhar-se”
2. */ŋali/	> /li/ “nós”	9. */wuna/	> /no/ “deitar-se”
3. */d̪awa/	> /we/ “boca”	10. */d̪iba/	> /be/ “fígado”
4. */guju/	> /ju/ “peixe”	11. */gumbi/	> /mbi/ “pênis”
5. */guwa/	> /wo/ “oeste”	12. */naga/	> /ga/ “leste”
6. */d̪ana/	> /ne/ “ficar em pé”	13. */ɲulu/	> /lu/ “ele”
7. */bamba/	> /mba/ “barriga”	14. */gunda/	> /ndo/ “triturar”

5. Examine as formas da língua lakalai (West New Britain, Papua Nova Guiné) e classifique as diversas mudanças que ocorreram como fusão, fissão ou substituição.

1. */kani/	> /ali/ “comer”	7. */ʔunsan/	> /hura/ “chuva”
2. */ikan/	> /ia/ “peixe”	8. */ʔanso/	> /haro/ “sol”
3. */lima/	> /lima/ “mão”	9. */lipon/	> /livo/ “dente”
4. */paʔa/	> /vaha/ “perna”	10. */danu/	> /lalu/ “água”
5. */ʔate/	> /hate/ “fígado”	11. */taŋi/	> /tali/ “chorar”
6. */kutu/	> /utu/ “piolhos”	12. */tapine/	> /tavile/ “mulher”

6. Como você descreveria as diversas mudanças que ocorreram na língua burduna de Western Australia em termos do impacto exercido no sistema fonêmico?

1. *pampura > papura “cego”	26. *kaŋtara > kaɽara “raiz”
2. *ɬuluŋku > ɬuluɽku “grua”	27. *papu > pawu “pai”
3. *ŋaɽa > ŋaja “eu”	28. *ŋampu > ŋapu “árvore”
4. *kawunka > kawuka “ovo”	29. *waŋkan > waɽkan “peito”

5. *kuṭara > kujara “dois”
6. *ṭuṅṭu > ṭuṭu “estreito”
7. *muḷaṅkaḷa > muḷaṭkaḷa “papagaio”
8. *ṭipa > ṭiwa “mergulhar”
9. *kumpu > kupu “urina”
10. *puka > puwa “mau”
11. *kuṅṭal > kuṭal “filha”
12. *ṅaṅka > ṅaṭka “barba”
13. *ṭuṭuṅkaji > ṭuḍukaji “mel”
14. *paṭapuṭu > pajawuḍu “perigoso”
15. *mukul > mu:l “tia”
16. *jimijṭa > jimiṭa “arranhão”
17. *kanpar > katpar “teia de aranha”
18. *puṅkuṭi > pukuḍi “canguru”
19. *paṭari > pajari “briga”
20. *paṭa > paja “beber”
21. *ṅuṅṭa > ṅuṭa “mentir”
22. *ṭukaḷa > ṭuwaḷa “escondendo-se”
23. *ṅuṅkun > ṅukun “podre”
24. *ṭapaṭa > ṭa:waja “ameixa selvagem”
25. *kakul > kawul “testículos”
30. *parumpa > parupa “árvore” (*wattle tree*)
31. *piṅṭa > piṭa “lama”, “barro”
32. *waṅka > waka “falar”
33. *miniṅṭa > miniṭa “centopeia”
34. *piṅkaṭi > piṭkaji “prato”, “vesícula”
35. *ṭiṅṭi > ṭiṭi “clitóris”
36. *jukari > juwari “ficar em pé”
37. *kankala > katkala “batata selvagem”
38. *jakan > ja:n “esposo”
39. *kuṭuu > kujuu “palavra”
40. *ṭintiṭinti > ṭitijiti “lavadeira”(pássaro)
41. *maṅṭa > maṭa “braço”
42. *mintulu > mitulu “unha”
43. *mika > miwa “costas”
44. *pukura > pu:ra “diabo”
45. *waṅṭa > waṭa “dar”
46. *ṭukuṭu > ṭu:ḍu “fumaça”
47. *maṭun > majun “tartaruga”
48. *kukulala > ku:lala “pombo”